O Processador de Palavras dos Deuses

Stephen King

A prirreira vista, aquilo parecia um processador de palavras Wang - possuía teclado Wang e armação Wang. Só após observar melhor, Richard Hagstrom viu que a armação havia sido cortada e aberta (e não cuidadosamente, pois lhe parecia que o serviço fora feito com uma lâmina de serra para metais), a fim de admitir um tubo de raios catódicos IBM, ligeiramente maior. Os discos de arquivo que tinham vindo com aquele singular híbrido nada tinham de moles; eram tão duros como os de 45 rotações, que Richard ouvira em criança.

- Em nome de Deus, o que é isso?

Lina fizera a pergunta quando ele e o Sr. Nordhoff o levaram para seu estúdio, peça por peça. O Sr. Nordhoff morava na casa vizinha à da família do irmão de Richard Hagstrom... Roger. Belinda e seu filho Jonathan.

- É qualquer coisa que Jon fabricou - disse Richard. - Segundo o Sr. Nordhoff, ele queria que eu ficasse com o aparelho. Parece um processador de palavras.

- Oh, sim - disse o Sr. Nordhoff. Ele não tornaria a ver os sessenta anos novamente e seu fôlego não andava bem. - Foi o que ele disse, o pobre garoto... Será que podíamos largá-lo por um minuto, Sr. Hagstrom? Estou bufando.

- Claro - disse Richard.

Chamou seu filho, Seth, que dedilhava estranhos e atonais acordes de sua guitan-a Fender, no andar debaixo - no aposento que Richard imaginara uma "sala da família", ao apainelá-lo, mas que acabara se tornando a "sala de ensaios" de seu filho.

- Seth! - gritou. - Venha cá dar uma mãozinha!

No andar debaixo. Seth continuou extraindo acordes da Fender. Richard olhou para o Sr. Nordhoff e deu de ombros, envergonhado e incapaz de disfarçar o que sentia. Nordhoff também deu de ombros, como se dissesse Garotos! O que se pode esperar de melhordeles, hoje em dia? Contudo, ambos sabiam que Jon -o pobre e condenado Jon Hagstrom, filho de seu louco irmão - havia sido melhor.

- Foi muita bondade sua em ajudar-me com isto - disse Richard.

Nordhoff deu de ombros.

- O que mais um velho tem a fazer com seu tempo? Penso que foi a última coisa que podia, pelo menos, fazer por Jonny. Sabe que ele costumava cortar de graça o meu gramado? Eu queria pagar, mas ele nunca aceitava. Era um grande garoto. - Nordhoff ainda estava sem fôlego. - Poderia arranjar-me um copo d'água, Sr. Hagstrom?

- Naturalmente. -Ele mesmo apanhou a água, ao ver que sua esposa não se

movia da mesa da cozinha, onde lia um enxovalhado livro de bolso e comia um biscoito. - Seth! - ele gritou de novo. - Venha cá e nos ajude, está bem?

Não obstante, Seth continuou tocando amortecidos e bem dissonantes acordes na Fender que Richard ainda estava pagando.

Ele convidou Nordhoff a ficar para o jantar, porém o velho recusou polidamente. Richard assentiu, de novo embaraçado, talvez agora disfarçando um pouco melhor. O que um cara legal como você tem a ver com semelhante família? dissera certa vez seu amigo Bernie Epstein, e ele só conseguira abanar a cabeça, sentindo o mesmo fosco constrangimento de agora. Ele era um cara legal. Não obstante, ali estava o que arranjara-uma esposa obesa e carrancuda, que se sentia lograda nas boas coisas da vida, como se houvesse apostado no cavalo perdedor (mas que nunca se animava a criar coragem e expor a situação) e um filho retraído de quinze anos, que fazia um trabalho marginal na mesma escola em que Richard lecionava... um filho que tocava acordes dissonantes na guitarra, dia e noite (principalmente à noite), parecendo pensar que, de alguma forma, aquilo o impeliria para a frente.

- Bem, e que tal uma cerveja? - sugeriu Richard.

Relutava em deixar Nordhoff ir embora-queria ouvir mais coisas sobre Jon.

- Uma cerveja seria ótimo - disse Nordhoff, e Richard assentiu gratamen-

te.

- Excelente -concordou, e saiu, voltando em seguida com duas garrafas de

Bud.

Seu estúdio ficava em um pequeno galpão, construído fora da casa -ajeitado por ele próprio, como fizera com a sala da família. No entanto, ao contrário daquele cômodo, ali era um lugar que ele considerava apenas seu -um lugar em que podia ficar trancado, deixando de fora a estranha com quem se casara e o estranho a que ela dera nascimento.

Naturalmente, Lina não aprovava o fato dele ter seu próprio refúgio, mas não fora capaz de impedi-lo - aquela tinha sido uma das raras e pequenas vitórias de Richard contra ela. Ele supunha que, de certa forma, Lina havia apostado no cavalo perdedor-quando se tinham casado, dezesseis anos antes, ambos acreditavam que ele escreveria maravilhosos e lucrativos romances e que, em pouco tempo, estariam rodando em uma Mercedes-Benz. Contudo, o único romance que ele publicara não havia sido lucrativo e os críticos rapidamente apontaram que tampouco era muito maravilhoso. Lina vira as coisas pelo ponto de vista dos críticos, de maneira que aquilo fora o início do afastamento de ambos.

Desta maneira, as aulas dadas no ginásio, que os dois tinham encarado como apenas um degrau em seu caminho para a fama, glória e riquezas, havia sido sua principal fonte de renda nos últimos quinze anos -um malditamente alto degrau, como ele às vezes pensava. Escrevia contos, um artigo ocasional. Era membro em boa situação na Associação de Escritores. Produzia uma renda adicional de uns 5.000 dólares com sua máquina de escrever a cada ano e, pouco importando 0

quanto Lina reclamasse a respeito, isso lhe dava o direito de ter seu próprio estúdio... em especial, desde que ela se recusava a trabalhar.

- Você tem um bom recanto aqui - comentou Nordhoff, olhando em torno do pequeno aposento, com a mistura de antigas gravuras na parede.

O híbrido processador de palavras foi assentado em cima da mesa, com o CPU sob ela. A antiga Olivetti elétrica de Richard foi momentaneamente deslocada para o topo de um dos fichários.

- Preenche a finalidade - disse Richard. Apontou a cabeça para o processador de palavras. - Acha mesmo que isso funciona? Jon só tinha quatorze anos.

- Parece curioso, não?

- Sem dúvida - concordou Richard.

Nordhoff riu.

- Pois não sabe da metade -disse. - Dei uma espiada atrás da unidade de vídeo. Alguns fios estão marcados IBM e outros Artigos Eletrônicos. Há boa parte de um telefone Western Electric aí. E, acredite ou não; também há um pequeno motor de um Erector Set. - Ele bebericou sua cerveja e disse, como se só então recordasse: - Quinze anos. Ele acabara de fazer quinze anos. Uns dois dias antes do acidente. - Fez uma pausa e repetiu, baixando os olhos para sua garrafa de cerveja: - Quinze anos.

Disse as duas palavras em voz quase inaudível.

- Erector Set? - exclamou Richard, pestanejando.

- Exatamente. O Erector Set faz funcionar um kit elétrico. E Jon tinha um, desde que contava... oh, talvez seis anos de idade. Dei-lhe como presente de Natal, certo ano. Já nesse tempo, ele era louco por mecanismos. Qualquer engenhoca servia e terá gostado daquela caixinha com os motores do Erector Set? Acho que sim. Ele nos guardou por quase dez anos. Não há muitos garotos que façam isso, Sr. Hagstrom.

- Não, não há - disse Richard, pensando nas caixas de brinquedos de Seth que se acumulavam no correr dos anos - rejeitados, esquecidos ou apenas destruídos conscientemente. Olhou para o processador de palavras. - Então, ele não funciona.

- Eu só diria isso após experimentá-lo - falou Nordhoff. - O garoto era quase um gênio em eletricidade.

- Há um certo exagero nisso, creio. Sei que Jon era bom para lidar com engenhocas e ganhou o prêmio da Feira Científica Estadual quando cursava o sexto grau...

- Competindo com garotos muito mais velhos -já nos últimos anos do ginásio, alguns deles - disse Nordhoff. - Pelo menos, assim falava sua mãe.

- É verdade. Todos sentíamos muito orgulho dele. - Não era bem verdade. Richard se orgulhara e a mãe de Jon também. O pai do menino não ligava, em absoluto. - Contudo, na Feira Científica são projetados e, construir, montar pessoalmente um mastigador híbrido de palavras...

Richard deu de ombros. Nordhoff pousou sua cerveja.

- Houve um garoto, nos anos cinqüenta- disse - que montou um desintegrador de átomos usando duas latas de sopa e equipamento elétrico no valor de cinco dólares. Jon me falou a respeito. Ele também disse que um garoto de uma cidadezinha matuta do Novo México, em 1954 descobriu os táquions-partículas negativas que se supõe viajarem para trás, através do tempo. Em Waterbury, Connecticut, um garoto de onze anos montou uma bomba tubular, com o celulóide que raspou das costas de um baralho de cartas de jogar. Com essa bomba, ele explodiu um canil vazio. Crianças às vezes são curiosas. Em particular as muito inteligentes. Você ficaria surpreso.

- Talvez. Talvez eu ficasse.

- De qualquer modo, ele era um ótimo garoto.

- O senhor gostava um pouco dele, não?

- Sr. Hagstrom - disse Nordhoff - eu gostava muito dele. Jon era realmente um garoto às direitas.

Richard então pensou em como era estranho aquilo - seu irmão, que tinha sido um irresponsável desde os seis anos, conseguira uma excelente esposa e um filho

excepcional. Ele próprio, no entanto, que sempre procurara ser delicado e generoso (o que quer que "generoso" significasse, neste mundo louco), acabara casando com Lina, que se transformara em uma mulher taciturna e porcina, além de lhe dar Seth. Olhando para o rosto cansado e honesto de Nordhoff, ele se perguntava o que, exatamente, tinha acontecido, e que parte disto fora culpa sua, um resultado natural de sua própria e calada fraqueza.

- Sim - disse Richard. - Um garoto às direitas, não?

- Eu não me surpreenderia se isso funcionasse -falou Nordhoff'. - Não me surpreenderia em absoluto.

Depois que Nordhoffse foi, Richard Hagstrom conectou o processador de palavras à tomada na parede e ligou o aparelho. Houve um zumbido, e ele esperou para ver se as letras IBM surgiam na face da tela. Nada apareceu. Em vez disso, espectralmente, como uma voz vinda da sepultura, estas palavras brotaram das sombras, como fantasmas verdes:

FELIZ ANIVERSÁRIO, TIO RICHARD! JON

- Céus! - murmurou Richard, caindo sentado na cadeira.

O acidente que matara seu irmão, esposa e filho, acontecera duas semanas antes -os três voltavam de uma espécie de excursão que durara todo o dia, e Roger estava embriagado. Estar embriagado era uma ocorrência perfeitamente comum na vida de Roger Hagstrom. Desta vez, no entanto, sua sorte se esgotara e ele dirigira a velha e empoeirada camioneta pela borda de um abismo de vinte e sete metros. O veículo se espatifara e ardera. Jon tinha quatorze anos-não, quinze. Fizera quinze anos apenas uns dois dias antes do acidente, segundo havia dito o velho. Mais três anos, e se livraria daquele estúpido brutamontes. O aniversário dele... e o meu logo chegando.

Uma semana, a partir desse dia. O processador de,palavras havia sido o presente de aniversário que Jon lhe daria.

De algum modo, isso tornava as coisas piores. Richard não saberia dizer precisamente como ou porque, mas assim era. Esticou a mão para desligar a tela, mas depois recuou.

Certo garoto montou um desintegrador de átomos com duas latas de sopa e partes elétricas de automóvel no valor de cinco dólares.

Sim, e na cidade de Nova York, o sistema de esgotos está cheio de crocodilos. E a Força Aérea dos E. U.A. tem o corpo de um alienigena preservado em gelo, e m qualquer ponto de Nebraska. Conte-me algo mais. É cascata. Contado, isso talvez seja algo que eu não queira saber com certeza.

Richard levantou-se, deu a volta até atrás do V DT e espiou por entre as fendas. Era bem como Nordhoff tinha dito. Fios com a inscrição PEÇAS ELETRÔNICAS PARA RÁDIO - MADE IN TAIWAN. Fios com a inscrição WESTERN ELECTRIC e WESTRE X ou ERECTOR SET, com o pequeno rda marca registrada dentro do círculo.

Ele também viu algo mais, algo que Nordhoff não vira ou não quisera mencionar. Havia um transformador de Trem Lionel ali dentro, preso com arames, como a Noiva de Frankenstein.

- Céus! - exclamou, rindo, mas de repente, perto das lágrimas. - Céus, Jonny, o que achava que estava fazendo?

Esta resposta ele também sabia. Durante anos sonhara e falara em possuir um processador de palavras, mas quando as risadas de Lina tinham ficado demasiado sarcásticas para que as suportasse, conversara a respeito com Jon.

- Eu poderia escrever mais depressa, reescrever mais depressa e produzir mais - havia dito a Jon, no final daquele verão. O menino o fitara seriamente, os olhos azul-claros, inteligentes, mas sempre tão cautelosamente circunspectos, amplificados por trás dos óculos. - Seria grande... realmente formidável.

- Então, por que não compra um, Tio Rich?

- Eles não são dados precisamente de graça - respondera Richard, sorrindo. - O modelo mais barato custa uns três mil. A partir dele, pode-se chegar até os que custam uma faixa de dezoito mil.

- Bem, qualquer dia eu lhe monto um - havia dito Jon.

- Sim, talvez você monte - respondera Richard, dando-lhe um tapinha nas costas.

Então, até o telefonema de Nordhoff, ele não pensara mais nisso.

Fios de modelos elétricos comprados em lojas comuns.

Um transformador de Trem Lionel.

Céus.

Retornou à frente do aparelho, querendo desligá-lo, como se realmente tentasse escrever algo nele e uma falha, de certa forma, profanaria o que seu ansioso e frágil

(condenado)

sobrinho pretendera.

Em vez disso, ele apertou o botão EXECUTAR, no teclado. Um curioso e leve arrepio percorreu-lhe a espinha quando fez isso. EXECUTAR era uma sin-

guiar palavra para ser usada, se refletirmos nisso. Não era uma palavra que ele associasse à escrita, mas sim a câmaras de gás e cadeiras elétricas... talvez as velhas e poeirentas caminhonetes despencando da beira de estradas.

EXECUTAR.

O CPU tinha um zumbido mais alto do que os ouvidos nas ocasiões em que vira processadores de palavras funcionando em vitrines. De fato, ele quase rugia. O que contém a caixa de memória, Jon? perguntou-se. Molas de colchão? Trans.formadores de trem enfileirados? Latas de sopa? Tornou a pensar nos olhos de Jon, em seu rosto quieto e delicado. Seria estranho, talvez mórbido, ter ciúmes do filho de outro homem?

Ele devia ter sido meu. Eu sabia... e penso que ele também sabia. Então, havia Belinda, a esposa de Roger. Belinda, que usava óculos escuros com freqüência, mesmo em dias nublados. Dos modelos de aros grandes, porque contusões em torno dos olhos têm a infeliz mania de espalhar-se. Contudo, às vezes olhava para ela, sentada lá, imóvel e vigilante, sob o ruidoso guarda-sol das gargalhadas de Roger, e pensava quase a mesma e exata coisa: ela devia ter .sido "linha.

Era um pensamento aterrador, porque ambos haviam conhecido Belinda no ginásio e ambos tinham saído com ela. Havia uma diferença de dois anos entre ele e Roger, de modo que Belinda se situara perfeitamente na linha intermediária, um ano mais velha do que Richard e um mais nova do que Roger. De fato, Richard fora o primeiro a ter encontros com a jovem que depois se tornaria a mãe de Jon. Então, surgira Roger. Roger que era mais velho e mais forte, Roger que sempre tivera o que queria, Roger que prejudicaria quem atravessasse seu caminho.

Fiquei com medo. Fiquei com medo e a deixei ir-se. Teria sido assim tão simples? PorDeus, acho que.foi. Eu gostaria que,(~)sse di/èrente, mas talvez seja melhor não mentir para nós mesmos, sobre coisas como covardia. E vergonha.

E se aquelas coisas fossem verdade? Se, de algum modo, Lina e Seth pertencessem a seu malévolo irmão e se Belinda e Jon, de algum modo, pertencessem a ele, o que isso provaria? E como, exatamente, uma pessoa racional imaginaria lidar com tal confusão, tão absurdamente equilibrada? Dava para rir? Para chorar? Alguém se mataria por um vira-lata?

Eu não me surpreenderia se isso fìcncionasse. Não me surpreenderia em absoluto.

EXECUTAR.

Seus dedos moveram-se rapidamente sobre as teclas. Richard olhou pata a tela e viu estas letras, flutuando em verde:

MEU IRMÃO ERA UM BÊBADO IMPRESTÁVEL.

Elas flutuaram na tela e, subitamente, Richard pensou em um brinquedo que tivera em criança. Era chamado Bola-Oito Mágica. Fazia-se a ele uma pergunta que pudesse ter sim ou não como resposta e depois se girava a Bola-Oito Mágica, para saber-se o que ela diria a respeito do assunto -e suas respostas mistificadoras, mas ainda assim misteriosamente fascinantes, incluíam coisas como É

QUASE CERTO, EU NÃO PLANEJARIA ISSO e TORNE A PERGUNTAR MAIS TARDE.

Roger sentira ciúmes do brinquedo e, finalmente, após obrigar Richard a entregá-lo certo dia, atirara-o na calçada o mais forte que pudera, quebrando-o. Depois rira. Agora, sentado ali, ouvindo o estranhamente espasmódico rugido do gabinete C PU que Jon improvisara, Richard recordou como se jogara à calçada, chorando e incapaz de acreditar que o irmão houvesse feito tal coisa.

- Bebê-chorão, bebê-chorão, vejam o bebé-chorão! -zombara Richard. Isso não passava de um brinquedinho vagabundo, Richie. Dê uma espiada, nele só havia alguns letreiros e um montão de água.

- EU VOU CONTAR! - Richard havia gritado, com todo o vigor dos pulmões. Sua cabeça estava quente. Seu nariz se entupira com as lágrimas do ultraje sofrido. - VOU CONTAR O QUE VOCÊ FEZ, ROGER! VOU CONTAR A MAMÃE!

- Se contar a ela, eu quebro seu braço - ameaçara Roger:

E, em seu gélido sorriso, Richard percebera que ele não estava brincando. Nada contara à mãe.

MEU IRMÃO ERA UM BÊBADO IMPRESTÁVEL.

Bem, singularmente montado ou não, o aparelho imprimia letras na tela. Ainda estava por ver se estocava dados no CPU, mas a combinação feita por seu sobrinho, unindo um painel Wang a uma tela IBM, de fato funcionara. Só por coincidência, aquilo evocara lembranças bastante cruéis, mas ele decidiu que Jon não tivera culpa disso.

Olhou em torno do estúdio e seus olhos pousaram em uma foto que não havia escolhido e da qual não gostava. Era uma foto de Lina, feita em retratista, que ela lhe dera no Natal, dois anos antes. Quero que a pendure em seu estúdio, havia dito e, naturalmente, ele a pendurara. Imaginou que talvez fosse um meio de Lina vigiá-lo, mesmo não estando presente. Não me esqueça, Richard. Eu estou aqui. Talvez tenha apostado no cavalo errado,'mas continuo aqui. E é melhor não se esquecer disto.

A foto retocada, com suas tonalidades pouco naturais, destoava curiosamente da amistosa mescla de gravuras de Whistler, Homer e N. C. Wyeth. Os olhos de Lina estavam semicerrados, o forte arco de Cupido de sua boca composto em algo que não era bem um sorriso. Eu continuo aqui, Richard, aquela boca parecia dizer-lhe. E não se esqueça disto.

Ele datilografou:

A FOTO DE MINHA ESPOSA ESTÁ PENDURADA NA PAREDE OESTE DE MEU ESTÚDJO.

Contemplou as palavras e detestou-as tanto como detestava a foto. Pressionou o botão SUPRIMA. As palavras desapareceram. Agora nada mais havia na tela, exceto o fixo tremular do cursor.

Richard olhou para a parede e viu que a foto de sua esposa também desaparecera.

Permaneceu sentado por muitíssimo tempo - pelo menos, assim lhe pareceu - contemplando a parede onde a foto estivera. O que finalmente o despertou daquele torpor, provocado pelo choque do inacreditável, foi o cheiro emitido pelo CPU - um cheiro que recordava da infância, tão nitidamente, como recordava a Bola-Oito Mágica que Roger quebrara, porque não era dele. O cheiro era essência de transformador de trem elétrico. Depois que se sentia tal cheiro, devia-se desligá-lo, para que esfriasse.

Foi o que ele fez.

Em um minuto.

Levantou-se e foi até a parede, caminhando sobre pernas entorpecidas. Passou os dedos pelo apainelado Armstrong. A foto havia estado ali, bem ali. Só que agora sumira, como sumira a alça onde era pendurada. Tampouco existia o buraco em que aparafusara a alça, no apainelado.

Desapareceram.

A palavra esmaeceu abruptamente e ele cambaleou para trás, pensando alheadamente que ia desmaiar. Esforçou-se o mais que pôde, até a palavra entrar de novo em foco.

Seus olhos passaram no espaço vazio na parede, onde estivera o retrato de Lina, para o processador de palavras que seu sobrinho falecido havia montado.

Você.fcaria surpreso, ouvia Nordhoff dizendo, em sua mente. Você.fcaria surpreso, você,fcaria surpreso, oh, sim, se um garoto dos anos cinqüenta descobria partículas que viajavam para trás no tempo, vocêfrcaria surpreso ante o que seu genial sobrinho era capaz de fazer com um punhado de elementos rejeitados de um processador de palavras,,ios e componentes elétricos. Ficaria tão supreso, que julgaria estar enlouquecendo.

O cheiro do transformador agora era mais forte e intenso. Ele pôde ver fiapos de fumaça subindo das fendas no arcabouço da tela. O ruído do CPU também era mais alto. Precisava desligar o aparelho - por mais esperto que Jon houvesse sido, aparentemente não tivera tempo de aperfeiçoar todas as engrenagens daquela coisa de loucos.

No entanto, Ton saberia que sua máquina fazia aquilo?

Sentindo-se uma ficção da própria imaginação, Richard tornou a sentar-se diante do teclado e datilografou:

A FOTO DE MINHA ESPOSA ESTÁ NA PAREDE.

Olhou para a frase por um instante, tomou a olhar para o teclado e então apertou a tecla EXECUTAR.

Olhou para a parede.

O retrato de Lina estava lá, no lugar onde sempre estivera.

- Meu Deus! - sussurrou ele. - Meu Deus do céu!

Esfregou a mão contra a face, olhou para a tela (agora vazia, exceto pelo cursor), e então datilografou:

NÃO HÁ NADA EM MEU PISO.

Tocou o botão INSERIR, depois datilografou:

EXCETO POR MIL DUZENTOS E VINTE DÓLARES EM MOEDAS DE OURO, EM UM PEQUENO SACO DE ALGODÃO.

Apertou EXECUTAR.

Olhou para o chão, onde agora havia uma pequena sacola branca de algodá o. com a parte superior franzida por um cordão. As palavras WELLS FARGO estavam impressas na sacola, em desbotada tinta negra.

- Oh, Deus! - ele se ouviu dizendo, em uma voz que não era a sua. - Oh. Deus, Deus!

Teria continuado invocando o nome do Salvador por minutos ou horas. se o processador de palavras não começasse a emitir seu "bip" insistentemente para ele. No alto da tela, cintilava a palavra SOBRECARGA.

Richard desligou tudo apressadamente e saiu do estúdio como se os demônios do inferno o perseguissem.

Contudo, antes disso, ergueu o pequeno saco fechado por cordões e o enfiou no bolso da calça.

Quando ele ligou para Nordhoff aquela noite, um frio vento de novembro tocava desafinadas gaitas de foles nas árvores do exterior. O grupo de Seth estava no andar de baixo, assassinando uma canção de Bob Seger. Lina havia saído. estava jogando bingo na Igreja de Nossa Senhora das Dores Perpétuas.

- A máquina funciona" - perguntou Nordhoff.

- Funciona muito bem - respondeu Richard. Enfiou a mão no bolso e pegou uma moeda. Era pesada-mais pesada do que um relógio Rolex. O severo perfil de uma águia salientava-se em um lado, juntamente com a data: 1871. - Funciona de uma forma que o senhor nem acreditaria.

- Eu acredito - replicou Nordhoff, tranqüilo. - Ele era um garoto muito inteligente e o queria muito. Sr. Hagstrom. Contudo, seja cauteloso. Um garoto é somente um garoto. inteligente ou não. e o amor pode ser mal orientado. Entende o que quero dizer?

Richard não entendeu nada. Sentia-se acalorado e febril. O jornal do d ia registrava o preço atual do ouro no mercado a 514 dólares a onça. As moedas haviam pesado uma média de 4.5 onças cada uma, em sua balança de correspondência. A taxa corrente do mercado. o total chegava a ?7.756 dólares. E ele imaginava que isso fosse apenas um quarto do que poderia conseguir por aquelas moedas, se as vendesse conto moedas.

- Poderia vir até aqui. Sr. Nordhoff? Agora" Esta noite?

- Não - respondeu Nordhoff. - Acho que não devo ir, Sr. Hagstrom. Peno que isto deve ficar entre você e Jon apenas.

- Mas...

- Lembre-se apenas do que eu lhe disse. Por Deus. seja cauteloso.

Houve um ligeiro clique e a ligação foi desfeita.

Meia hora depois, Richard estava novamente em seu estúdio. olhando para o

processador de palavras. Tocou o botão LIGA/DESLIGA, mas sem girá-lo. Ouvira o conselho de Nordhoff, da segunda vez em que o velho o dissera. Por Deus, seja cauteloso. Sim. Ele precisaria ser cauteloso. Uma máquina que podia fazer tais coisas...

Como podia uma máquina fazer tais coisas?

Ele não tinha idéia... mas de algum modo, isso fazia com que toda aquela loucura fosse aceita com mais facilidade. Ele era um professor de Inglês e escritor nas horas vagas, não um técnico. Possuía um longo histórico de ignorar como coisas funcionavam: fonógrafos, motores a gasolina, telefones, televisões, o mecanismo de descarga de seu vaso sanitário. Sua vida tinha sido um histórico de entender operações, mais do que princípios. Haveria alguma diferença nisso, exceto em grau?

Richard ligou a máquina. Como antes, ela disse: FELIZ ANIVERSÁRIO, TIO RICHARD! JON. Ele pressionou EXECUTAR, e a mensagem de seu sobrinho desapareceu.

Esta máquina não,funcionará por muito tempo, pensou subitamente. Tinha certeza de que Jon só estivera trabalhando nela pouco antes de morrer, confiando em que haveria tempo de sobra, porque o aniversário do Tio Richard, afinal de contas, só seria comemorado em mais três semanas...

No entanto, o tempo se esgotara para Jon, de maneira que seu totalmente espantoso processador de palavras, que parecia inserir novas coisas ou suprimir velhas coisas do mundo real, cheirava como urn transformador chamuscado de trem, começando a fumegar após poucos minutos. Jon não tivera chance de aperfeiçoá-lo. Ele estava...

Certo de que haveria tempo?

Isso, no entanto, era errado. Estava tido errado. Richard sabia. O rosto quieto e vigilante

de Jon, os olhos sóbrios por trás das espessas lentes dos óculos... ali não havia certeza, nenhuma crença na esperança do tempo. Que palavra lhe ocorrera, horas antes, nesse mesmo dia? Condenado. Esta não era apenas uma boa palavra para Jon; era a palavra certa. Aquele senso de predestinação pendera sobre o garoto, tão palpavelmente, que por vezes Richard sentira vontade de abraçá-lo, de dizer-lhe para animar-se um pouquinho, que costumava haver finais felizes e que os bons nem sempre morriam jovens.

Pensou então em Roger, atirando sua Bola-Oito Mágica na calçada, atirando-a com toda a força que podia: ouviu o plástico rachar e viu o fluido mágico da BolaOito - apenas água, afinal de contas - escorrer calçada abaixo. Este quadro se fundiu ao da caminhonete recauchutada de Roger, com os dizeres HAGSTROM -ENTREGAS A GRANEL, impressos em um lago, mergulhando por sobre a borda de uma poeirenta rampa que se desmoronava, batendo de frente no fundo do abismo, com um ruído que, como o próprio Rober, não era grande coisa. Ele viu -embora não querendo ver-o rosto da cunhada desintegrando-se em ossos e sangue. Viu Jon sendo carbonizado entre os destroços, gritando, enegrecendo.

Nenhuma certeza, nenhuma esperança real. Ele sempre transmitira um senso de tempo esgotando-se. E, no fim, provara que estava certo.

- O que significa isso? -murmurou Richard, olhando para a tela em branco.

Como a Bola-Oito Mágica responderia à questão? REPITA A PERGUNTA MAIS TARDE? O DESFECHO É OBSCURO? Ou talvez SERÁ MESMO'?

O ruído expandindo-se do CPU voltava a ficar mais forte e mais rapidamente do que à tarde. Ele já podia sentir o cheiro do transformador do trem que Jon instalara no maquinismo atrás da tela, o qual começava a esquentar.

A máquina dos sonhos mágicos.

O processador de palavras dos deuses.

Seria isso? Isso mesmo que Jon pretendera darao tio como presente de aniversário? Na era espacial, o equivalente a uma lâmpada mágica ou a um poço dos desejos?

Ouviu a porta dos fundos de sua casa sendo aberta, depois as vozes de Seth e dos demais membros de sua banda. Vozes muito altas, estridentes. Certamente haviam estado bebendo ou fumando maconha.

- Onde está seu velho, Seth? - ouviu um deles perguntar.

- Acho que fazendo bobagens em seu estúdio, como de costume - replicou Seth. - Acho que ele...

O vento subiu novamente, levando consigo o resto da frase, mas sem apagaras debochadas risadas tribais. Richard ficou a ouvi-los, a cabeça ligeiramente de banda. De repente, datilografou:

MEU FILHO É SETH ROBERT HAGSTROM.

Seu dedo pairou sobre o botão SUPRIMA.

O cone está,fáze tido' sua mente gritou para ele. Isto é sério:' Pretende assassinar seu próprio filho.`,

- Ele deve fazer alguma coisa lá dentro - falou um dos outros.

- O velho é um maldito imbecil - respondeu Seth. - Um dia, pergunte a minha mãe. Ela lhe dirá. Ele...

Não vou assassiná-lo. Vou... SUPRIMI-LO.

- ... nunca fez outra coisa, senão...

As palavras MEU FILHO É SETH ROBERT HAGSTROM desapareceram do vídeo. No exterior, as palavras de Seth desapareceram com elas.

Lá fora, agora não havia outro som além do produzido pelo vento frio de novembro, soprando carrancudos prognósticos para o inverno.

Richard desligou o processador de palavras e saiu do estúdio. A entrada para carros estava vazia. Norm qualquer-coisa guitarrista líder do conjunto, dirigia uma monstruosa e, de certa forma, sinistra e velha caminhonete LT D, na qual o grupo transportava seu equipamento, ao seguir para seus pouco freqüentes compromissos musicais. Naquele momento, não estava mais estacionada na entrada de carros. Talvez estivesse em alguma parte do mundo, viajando por alguma auto-estrada ou parada no pátio de estacionamento de algum seboso estabelecimento de segunda para a venda de hamburgers. Norm também estaria em algum

ponto do mundo, como Davey, o baixista, cujos olhos eram aterradoramente apáticos e que usava um alfinete de segurança pendurado em um lóbulo de orelha, da mesma forma que o baterista, que não possuía os dentes da frente.

Seth havia sido SUPRIMIDO.

- Não tenho filho - murmurou Richard.

Quantas vezes lera essa melodramática frase em novelas ruins? Cem? Duzentas? Aquelas palavras nunca lhe haviam soado verdadeiras. Aqui, no entanto, eram verdadeiras. Agora, eram verdadeiras. Oh, sim!

O vento aumentou de força e, de súbito, Richard foi tomado por uma dolorosa cãibra de estômago, que o fez dobrar-se em dois, ofegando. Expeliu uma explosiva ventosidade.

Quando a cãibra cedeu, ele entrou em casa.

A primeira coisa percebida foi que os surrados tênis de Seth - seu filho possuía quatro pares e recusava-se a jogar fora qualquer deles - haviam desaparecido do vestibulo. Foi até o corrimão da escada e passou o polegar por um trecho dele. Aos dez anos (já com idade bastante para definir entre certo e errado, mas Lina não permitira que o marido batesse no filho, apesar disso), Seth esculpira profundamente suas iniciais na madeira daquele corrimão, uma madeira para a qual Richard trabalhara quase todo um inteiro verão. Ele havia lixado o lugar, emassara e tornara a envernizar, mas o fantasma daquelas iniciais permanecera.

Agora, elas haviam desaparecido.

Andar de cima. Quarto de Seth. Estava arrumado e limpo, desabitado, seco e desprovido de personalidade. Bem poderia ostentar um cartaz na maçaneta, dizendo QUARTO DE HÓSPEDES.

Andar debaixo. Foi onde Richard ficou mais tempo. Os enrolados de fios elétricos tinham desaparecido; amplificadores e microfones tinham desaparecido; a bagunça de peças de gravador que Seth "ia consertar", como vivia repetindo, havia desaparecido (ele não possuía as mãos e nem a concentração de Jon). Em vez disto, o lugar apresentava a profunda (se não particularmente agradável) marca da personalidade de Lina - móveis pesados e cheios de floreados, melosas tapeçarias de veludo (uma delas representando a última Ceia, na qual Cristo parecia Wayne Newton, outra mostrando uma corça contra o pôr do solem um horizonte do Alaska), um berrante tapete, tão espaventoso como sangue arterial. Não havia mais o menor indício de que um garoto chamado Seth Hagstrom um dia houvesse ocupado aquele recinto. Aquele ou qualquer outro da casa.

Richard ainda estava parado ao pé da escada, olhando em tomo, quando ouviu um carro parar diante da casa.

Lina,.pensou, e sentiu uma onda de quase.frenética culpa. É Linu, voltando do bingo - e o que irá dizer, ynundo vir que Seth desapareceu? O que... o guc...?

Assassino! ele a ouviu gritando. Vocé assassinou o meu,/ïlho!

Contudo, ele não assassinara Seth.

- Eu o SUPRIMI -murmurou, enquanto subia a escada do porão, para ir ao encontro dela na cozinha.

Lina estava mais gorda.

Enviara ao bingo uma mulher pesando uns noventa quilos. A mulher que voltava pesaria no mínimo cento e cinqüenta, talvez mais; ela precisava virar-se ligeiramente de banda para entrar pela porta dos fundos. Ancas elefantinas e coxa da mesma qualidade, tremelicavam em ondulados movimentos de maré por baixo das calças compridas de poliéster, cor de azeitona passando do ponto de maturidade. A pele de Lina, apenas pálida três horas antes, agora estava lívida e doentia. Embora não sendo médico, Richard decidiu que podia observar um sério risco de moléstia hepática ou incipiente

doença cardíaca naquela pele. Os olhos empapuçados o fitaram com inflexível, idêntico desdém.

Ela carregava em uma das mãos rechonchudas o corpo congelado de um enorme peru. Ele se torcia e virava dentro de seu envoltório de celofane, como o cadáver de um bizarro suicida.

- O que é que está olhando, Richard? - perguntou ela.

Você, Lina. É você que estou olhando. Porque.foi nisto que você se transformorr, em um mundo onde não tínhamos filhos. Nisto que você se transformou, em um mundo onde não havia nenhum objeto para o seu amor- por mais envenenado que seja esse amor. É essa aparência de Lina, em um mundo onde tudo entra e absolutamente nada sai. Você, Lina. É você que estou olhando. Você.

- Esse peru, Lina -conseguiu finalmente dizer. - É um dos maiores que já

- Não vamos ficar aqui parados olhando para ele, idiota! Ajude-me com isto! Ele pegou o peru e o colocou sobre o balcão, sentindo suas ondas de lúgubre friagem. Dava a impressão de um bloco de madeira.

- Aí, não! -gritou ela impacientemente, apontando para a despensa. - Não caberia! Coloque-o no freezer!

- Desculpe - murmurou ele.

Nunca haviam tido um freezer antes. Nunca, no mundo onde houvera um Seth. Richard levou o peru para a despensa, onde um comprido freezer Amana jazia sob a fria luz branca de tubos fluorescentes, como um gélido ataúde branco. Colocou-o ao lado de corpos criogenicamente preservados de outras aves e animais, depois retornou à cozinha. Lina tirara do armário os copos de manteiga de amendoim e os estava comendo metodicamente, um após outro.

- Foi o bingo do Dia de Graças -explicou ela. - Foi antecipado para esta semana, em vez de na próxima, porque o Padre Philipps será hospitalizado, para tirar a vesícula. Eu ganhei o primeiro prêmio.

Ela sorriu. Uma mistura castanha de chocolate e manteiga de amendoim pingou e escorreu de seus dentes.

- Lina - disse ele. - Nunca lamentou não termos tido filhos?

Ela o fitou como se ele houvesse ficado louco de todo.

- Em nome de Deus, para que eu quereria semelhantes trambolhos? - exclamou ela. Enfiou no armário os copos de manteiga de amendoim, agora reduzidos à metade. - Vou para a cama. Você vem também ou volta lá para fora e fica brincando um pouco mais com sua máquina de escrever?

- Vou lá fora um pouco mais -disse ele, em voz surpreendentemente firme. - Não me demorarei.

- Aquela engenhoca funciona?

- De que está...

Richard compreendeu e tornou a sentir outro acesso de culpa. Ela sabia sobre o processador de palavras, claro que sabia. A S U PRESSÃO de Seth não afetara Roger. Assim, permanecera a pista da família de seu irmão.

- Oh, claro que não. Não funciona de jeito nenhum.

Ela assentiu, satisfeita.

- Aquele seu sobrinho! Sempre com a cabeça nas nuvens. Como você, Richard. Se você não fosse tão tímido, eu me perguntaria se não a andou enfiando onde não devia, há quinze anos atrás.

Ela riu, um riso rouco, surpreendentemente forte -o riso de uma devassa cínica e envelhecida. Por um momento, Richard quase a esbofeteou. Então, sentiu um sorriso aflorar a seus próprios lábios - um sorriso tão leve, tão branco e frio, como o freezer Amana, que havia substituido Seth neste novo trajeto.

- Não me demoro - falou. - Quero apenas anotar algumas coisas.

- Por que não escreve um conto que mereça um Prêmio Nobel ou coisa assim? - perguntou ela, com ar indiferente. As tábuas do corredor chiaram e resmungaram, quando Lina movimentou seu volume em direção à escada. - Ainda estamos devendo a conta do oculista que fez meus óculos para ler, e atrasados em uma prestação do Betamax. Por que não nos consegue algum maldito dinheiro?

- Bem - disse Richard. - Eu não sei, Lina. Enfim, tenho algumas boas idéias esta noite. Tenho mesmo.

Ela se virou para fitá-lo, pareceu prestes a dizer algo sarcástico - algo sobre como nenhuma das boas idéias dele os tinha levado a uma vida fácil, mas que, assim mesmo, ela continuara ao seu lado - porém nada falou. Talvez fosse impedida por qualquer coisa no sorriso dele. Lina foi para o andar de cima. Richard ficou embaixo, ouvindo as passadas estrondosas da esposa. Sentia a testa suada. Estava nauseado e eufórico ao mesmo tempo.

Dando meia volta, retornou a seu estúdio.

Desta vez, quando ele ligou a unidade, o C PU não zumbiu nem rugiu; começou a emitir um irregular som uivante. Aquele cheiro de transformador de trem aquecido chegou quase imediatamente, vindo do arcabouço por trás da tela, e assim que ele apertou o botão EXECUTAR, apagando o FELIZ ANIVERSÁRIO, TIO RICHARD! da mensagens de seu sobrinho, a unidade passou a fumegar.

Não resta muito tempo, pensou ele. Não... estou enganado. Não há mais tempo nenhum. Jon sabia disso e agora eu também sei.

As opções reduziam-se a duas: trazer Seth de volta, com o botão INSERIR (tinha certeza de que poderia fazê-lo; seria tão fácil como havia sido a criação dos dobrões de ouro espanhóis) ou terminar o trabalho.

O cheiro ficava mais forte, mais urgente. Em pouquíssimos momentos, nada mais que isso, a tela começaria a piscar sua mensagem de SOBRECARREGADO.

Datilografou:

MINHA ESPOSA É ADELINA MABEL WARREN HAGSTROM.

Apertou o botão SUPRIMIR.

Datilografou:

SOU UM HOMEM QUE VIVE SÓ.

Agora, a palavra começou a piscar regularmente no canto superior direito da tela: SOBRECARREGADO SOBRECARREGADO SOBRECARREGADO.

Por fàvor. Por favor, deixe-me terminar. Por favor, por favor, por favor...

A fumaça que saía pelas frestas no gabinete do vídeo, agora estava mais espessa e mais cinzenta. Richard baixou os olhos para o lamurioso CPU e viu que também saía fumaça de suas fendas... e abaixo daquela fumaça, pôde distinguir uma súbita faísca vermelha de fogo.

Bola-Oito, serei saudável, rico ou sábio? Ou viverei sozinho e talvez morra de tristeza? Há tempo sufciente?

NÃO POSSO VER AGORA, REPITA MAIS TARDE.

Exceto que não haveria mais tarde.

Ele apertou o botão INSERIR e a tela escureceu, embora permanecesse a constante mensagem de SOB RECARRE GADO, que agora piscava em um ritmo frenético, soluçante.

Datilografou:

EXCETO POR MINHA ESPOSA, BELINDA, E MEU FILHO, JONATHAN.

Por favor! Por favor!

Apertou o botão EXECUTAR.

A tela ficou vazia. Permaneceu vazia pelo que a ele pareceu uma eternidade, embora continuando com a palavra SOBRECARREGADO, agora piscando tão depressa que, se não fosse uma ligeira sombra, dava a impressão de permanecer constante, como um computador executando um laço fechado de comando. Algo dentro do CPU pipocou e chiou. Richard grunhiu.

As letras verdes surgiram na tela, flutuando misticamente sobre o negro:

SOU UM HOMEM QUE VIVE SÓ, EXCETO POR MINHA ESPOSA, BELINDA, E MEU FILHO, JONATHAN.

Ele apertou duas vezes o botão EXECUTAR.

Agora, pensou. Agora vou datilografar: TODOS OS DEFEITOS MECÂNICOS DESTE PROCESSADOR DE PALAVRAS FORAM TOTALMENTE ELIMINADOS ANTES QUE O SR. NORDHOFF O TROUXESSE PARA CÁ. Ou datilografarei: TENHO IDÉIAS PARA VINTE NOVELAS BEST-SELERS NO MÍNIMO Ou datilografarei: EU E MINHA FAMÍLIA VIVEREMOS FELIZES PARA SEMPRE. Ou datilografarei...

Contudo, ele nada datilografou. Seus dedos pairaram estupidamente acima das teclas, enquanto Richard sentia-sentia literalmente-todos os circuitos de seu cérebro emperrados, como carros encostados uns nos outros, no pior congestionamento de trânsito de Manhattan, na história da combustão interna.

A tela se encheu repentinamente com a palavra:

GADOSOBRECARRECA DOS OBRECARRECADOSOBRE CARREGA

Houve outro estouro, depois uma explosão no CPU. Chamas espicharam-se dogabinete, extinguindo-se em seguida. Richard recostou-se em sua cadeira, protegendo o rosto, para o caso da tela implodir. Ela não implodiu. Apenas ficou escura.

Ele continuou sentado, fitando o negror da tela.

NÃO POSSO RESPONDER COM CERTEZA, PERGUNTE MAIS TARDE.

- Papai?

Girou em sua cadeira, o coração batendo tão forte, que dava a impressão de realmente estar prestes a saltar do peito.

Jon estava ali, Jon Hagstrom, e seu rosto era o mesmo, porém de certo modo diferente - a diferença era sutil, mas perceptível. Talvez. pensou Richard. aquela fosse a diferença em paternidade entre dois irmãos. Ou talvez fosse porque, simplesmente, desaparecera dos olhos do garoto aquela expressão cautelosa e vigilante. Olhos ligeiramente ampliados por lentes espessas (os óculos agora tinham armação metálica, ele percebeu, não aquela feia armação industrial de plástico, que Roger sempre comprava para o

garoto, porque era quinze pratas mais barata).

Talvez fosse algo até mais simples: aquele ar de condenado desaparecera dos olhos de Jon.

- Jon? -perguntou ele roucamente, perguntando-se se, de fato, quisera algo mais do que isto. Quisera? Pareceu ridículo, mas supôs que sim. Supôs que as pessoas sempre queriam. - Jon, é você, não é?

- Quem mais poderia ser? - Jon apontou a cabeça para o processador de palavras. - Não se machucou, quando esse bichinho se foi para o paraíso dos dados, machucou?

Ríchard sorriu.

- Não, não me machuquei. Estou ótimo.

Jon assentiu.

- Sinto muito que ele não tenha funcionado. Não sei o que deu em mim, para

usar todas essas peças desaparelhadas. - Meneou a cabeça. - Francamente, eu não sei. É como se tivesse que fazer isso. Coisas de criança.

- Bem -disse Richard, reunindo-se ao filho e passando um braço em torno de seus ombros, - talvez você faça um melhor, da próxima vez.

- É, talvez faça. Ou talvez eu tente uma outra coisa.

- Também seria formidável.

- Mamãe disse que fez chocolate para você, se quiser ir tomar.

- Eu quero - disse Richard.

Os dois caminharam juntos do estúdio para a casa, à qual não havia chegado nenhum peru congelado, ganho como prêmio em um torneio de bingo. - Neste momento exato, acho que uma xícara de chocolate seria excelente.

- Amanhã, vou retirar todas as peças daquela coisa que possam ser aproveitadas e jogar o resto fora - disse Jon.

Richard assentiu.

- Suprimi-a de nossas vidas - disse.

Então os dois entraram na casa, acolhidos pelo cheiro do chocolate quente, rindo juntos.